



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8739 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 10/GT 13 - Alfabetização, Leitura e Escrita e Educação Fundamental

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Maria do Socorro Felix Bezerra - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Vanda Elizete Vieira da Costa - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões/discussões/análise acerca da alfabetização e letramento para o ensino de leitura nas séries iniciais. A metodologia utilizada nessa investigação foi pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, baseada na história oral temática. Os participantes desta pesquisa foram professores e pais de alunos. Ao final apontamos dois pontos que precisam ser esclarecidos, o primeiro é que não existe, como já foi dito antes, uma idade “certa”, “ideal” para se iniciar a trabalhar do processo de alfabetização e letramento. O segundo é que letrar é mais que decodificar. Contudo é preciso ressaltar que em todo e qualquer processo educativo, o trabalho de alfabetizar letrando deve ter como base a pesquisa científica.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o escopo de provocar reflexões/discussões/análise acerca da alfabetização e letramento para o ensino de leitura nas séries iniciais, apontando possíveis caminhos e considerações positivas e relevantes para aquisição da leitura. Contudo sabemos

que nem sempre há contribuições positivas, portanto as não contribuições não serão aqui tratadas por não serem foco deste artigo.

A pesquisa está ligada ao campo da linguística, direcionada para a esfera da educação fundamental, CBA – Ciclo Básico de Alfabetização. Esse trabalho está organizado em partes interdependentes que abordam questões sobre alfabetização e letramento no Ciclo Básico de Alfabetização, adotado na cidade de Araguaína – TO.

Na segunda parte, discutiremos a importância de alfabetizar letrado, conforme observações realizadas por educadores e pais de alunos do Ciclo Básico de Alfabetização de uma escola municipal de Araguaína - TO. Na terceira parte, retomaremos os suportes teóricos em que realizaremos uma análise das teorias de alguns pesquisadores acerca do tema ressaltando as metodologias apresentadas pelos mesmos no intuito de direcionar e constituir práticas pedagógicas efetivas. Por último, nas considerações finais, refletiremos sobre a alfabetização e o letramento, bem como apresentaremos algumas sugestões fidedignas de como os educadores devem trabalhar esses alicerces com significância na escola e também fora dela, com a participação direta de todos os envolvidos com o processo ensino/aprendizagem.

Tomamos por alfabetização e letramento a concepção de Tfouni “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”. (Tfouni 1995, p. 20).

Alfabetizar e letrar são processos distintos, porém interligados. Isto é, podemos ensinar crianças a ler, a conhecer os sons que as letras representam e, ao mesmo tempo, com a mesma ênfase, convidá-los a se tornarem leitores, a participarem da aventura do conhecimento implícita no ato de ler, além de colocarem em situações cotidianas que os oportunizem a entender e lidar com as mesmas, para melhor crescer dentro do mundo que o cerca. Nesse sentido, o título deste trabalho faz referências a um diálogo entre teoria e prática, porque todo o desenvolvimento é fruto de uma experiência pessoal e profissional como aluna e pesquisadora. Para nortear nossa investigação utilizou-se obras de CAGLIARI (1998); EMILIA FERREIRO (2001); LEITE (2001); SOARES (2003); Tfouni (1995) para dialogar e fundamentar o que foi debatido, assim como outros pesquisadores que tratam com propriedade do tema

Ao tratar do tema alfabetização, no sentido de aprendizagem inicial da leitura e escrita ou aquisição do código alfabético, passo em revista as bases teóricas e os procedimentos didáticos dos métodos que norteiam o cotidiano escolar no Ciclo Básico de Alfabetização. Sabemos que ao longo dos anos muitos métodos de alfabetização foram postos em práticas sem sucesso.

Segundo Cagliari (1998, p. 21-26), as cartilhas surgiram muito antes das aulas de alfabetização nas escolas. Antigamente, elas serviam de subsídios para as pessoas aprenderem a ler (e a escrever) em casa. Eram feitas na forma de tabelas (taboas), com grupos de letras que a escrita usava para representar os diferentes padrões silábicos correspondentes à fala. O tipo de letra era sempre o de imprensa, em uso na época.

Na tradição da Língua Portuguesa, a Gramática de João de Barros (Século XVI) já trazia agregada uma cartilha (ou cartinha = mapa, pequeno documento), cujo subtítulo era “Introdução para aprender a ler”. Com o surgimento das aulas de alfabetização nas escolas, após a Revolução Francesa, as cartilhas foram se modificando. Antes, elas tinham, basicamente, o alfabeto e os grupos de letras em tabelas de sílabas, vindo secundariamente os exemplos de palavras com seus respectivos desenhos, para facilitar o reconhecimento e a

leitura. Depois, houve uma inversão: as palavras, que serviam de exemplos, tornaram-se palavras-chave, e os grupos de letras, agora separados por categorias de acordo com a primeira letra, tornaram-se as sílabas-geradoras. Isto acarretou uma mudança no modo de se aprender a ler e de se alfabetizar. Antes, ler era saber o alfabeto, os grupos de letras e reconhecê-los em palavras. Agora, ler é desmontar uma palavra em suas sílabas, pegar um desses padrões silábicos e gerar outros semelhantes, mantendo as consoantes e variando as vogais.

Ainda conforme Cagliari (1998), as cartilhas desenvolveram uma fala artificial silabada, desconhecendo a realidade das variações linguísticas. De acordo com a cartilha, existe falar errado e não apenas diferente. Elas pressupõem que todos os usuários são falantes de um mesmo dialeto e que a pronúncia padrão é a que mais se aproxima da forma ortográfica das palavras. Este estudo tem como objetivo compreender como ocorre o processo de alfabetização – aquisição da leitura e escrita – por meio do letramento, na rede municipal da cidade de Araguaína – TO.

A partir da realização de entrevistas como coleta de dados, procuramos mostrar a visão dos professores alfabetizadores e alguns pais de alunos, nos CBA's (1º ciclo), frente ao tema Alfabetização e Letramento. Em outras palavras procuramos escutar os professores e pais sobre como se dá o ato de alfabetizar e letrar ao mesmo tempo os alunos, visto que, apesar de difícil e inovador, se faz entender o que esse propósito do ciclo, o que ele sugere para assegurar um aprendizado de sucesso.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa investigação foi pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, baseada na história oral temática, que teve a entrevista semiestruturada como mecanismo de coleta de dados por meio do qual foi possível realizar análise dos dados.

Para melhor compreender os dados apresentados neste estudo, procuramos fundamentar teoricamente nossa prática de pesquisa. Para compreender os dados de pesquisa, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo, por entendermos que possibilita um tratamento dos dados que melhor coaduna com nossa abordagem.

Segundo GIL (1994, p. 79) “O questionário constitui hoje uma das mais importantes técnicas disponíveis para obtenção de dados nas pesquisas sociais”.

Os participantes desta pesquisa foram professores e pais de alunos. O texto aborda questões sobre alfabetização e letramento no Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), adotado na cidade de Araguaína – TO no ano 2018. Devido a impossibilidade de realizar a pesquisa em todas as escolas que oferecem alfabetização no município, delimitou-se o estudo para uma escola que não autorizou divulgar seu nome. O município tem 29 escolas no total, 29 rurais, 29 urbanas, sendo que oferecem o ciclo básico de alfabetização. A partir da realização de entrevistas como coleta de dados, procuramos mostrar a concepção dos professores alfabetizadores e pais de alunos acerca do CBA, frente ao tema Alfabetização e Letramento. Em outras palavras procuramos entrevistar professores e pais sobre como se dá o ato de alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, visto que, apesar de difícil e inovador, se faz entender qual o propósito do ciclo, o que ele sugere para assegurar um aprendizado de sucesso.

3. RESULTADOS PARCIAIS

A referida pesquisa reforçou as informações existentes e as suspeitas se fazendo necessário postular um novo olhar sobre alfabetizar letrando e se conscientizar que trabalhar nessa perspectiva não é uma questão opcional, não é um processo que podemos ou não adotar e que independente da turma, é imprescindível e adequado utilizá-lo para alcançar os objetivos educacionais para as atuais demandas contemporâneas. É importante lembrar ainda, que a linguagem usada nesse processo educativo deve ser acessível à faixa etária das crianças, para que estas possam entender o que está sendo transmitido. Além disso, o professor deve aceitar as formas da criança se expressar ou perguntar, o que não impede que o professor lhe responda usando uma “linguagem escolar” adequada.

Comungando com TFOUNI (1995), é uma situação de letramento em que o educando aprende a dominar e ampliar seu conceito de escrita e leitura, e de sua visão crítica de mundo. Além disso, é importante explicitar que nesse trabalho a escola como um todo tem de estar voltada para subsidiar, monitorar, equipar-se para esse fim e até mesmo reavaliar e rever ações para uma possível intervenção positiva nas etapas deste processo quando necessário.

Portanto, diante dos dados obtidos e da fundamentação, precisamos fundamentar ainda mais os conceitos e práticas que norteiam a contextualização entre alfabetização e letramento, pois alfabetizar é um processo de aquisição da escrita e letramento refere-se à capacidade de aquisição da leitura e da escrita.

Quanto às práticas de alfabetização e letramento, encontramos ecos do construtivismo piagetiano de Ferreiro, mas consideramos que as metodologias tradicionais, como a palavração e o método fônico, são as bases dos trabalhos. Mas não em estado puro, mas uma fusão de diversos métodos, ou até mesmo da própria experiência, as quais se juntam discretas influências do construtivismo.

Em suma, podemos dizer que as professoras aplicam métodos mistos, ou ecléticos, pouco estudados pelos pesquisadores e sobre os quais a literatura é escassa. Assim, argumentamos que é importante investigar: quais os determinantes das sínteses e escolhas metodológicas feitas pelas alfabetizadoras.

4 . BREVE HISTÓRICO DOS ESTUDOS FEITOS SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: NOVAS PROPOSTAS DE ALFABETIZAÇÃO.

Segundo Cagliari (1998), as cartilhas surgiram muito tempo antes das aulas de alfabetização nas escolas. Antigamente, elas serviam de subsídios para as pessoas aprenderem a ler (e a escrever) em casa. Eram feitas na forma de tabelas (*taboas*), com grupos de letras que a escrita usava para representar os diferentes padrões silábicos correspondentes à fala. O tipo de letra era sempre o de imprensa, em uso na época.

Com o surgimento das aulas de alfabetização nas escolas, após a Revolução Francesa, as cartilhas foram se modificando. Antes, elas tinham, basicamente, o alfabeto e os grupos de letras em tabelas de sílabas, vindo secundariamente os exemplos de palavras com seus respectivos desenhos, para facilitar o reconhecimento e a leitura. Depois, houve uma inversão: as palavras, que serviam de exemplos, tornaram-se palavras-chave, e os grupos de

letras, agora separados por categorias de acordo com a primeira letra, tornaram-se as sílabas-geradoras. Isto acarretou uma mudança no modo de se aprender a ler e de se alfabetizar.

Antes, ler era saber o alfabeto, os grupos de letras e reconhecê-los em palavras. Agora, ler é desmontar uma palavra em suas sílabas, pegar um desses padrões silábicos e gerar outros semelhantes, mantendo as consoantes e variando as vogais.

Ainda conforme Cagliari(1998), as cartilhas desenvolveram uma fala artificial silabada, desconhecendo a realidade das variações linguísticas. De acordo com a cartilha, existe falar errado e não apenas diferente. Elas pressupõem que todos os usuários são falantes de um mesmo dialeto e que a pronúncia padrão é a que mais se aproxima da forma ortográfica das palavras.

Nos anos 70, Emilia Ferreiro revolucionou a alfabetização ao explicar como as crianças aprendem. Passou a defender a utilização de textos variados, em substituição às cartilhas que continham frases soltas e “textos” sem uma unidade de sentido. Após a polêmica inicial, teses da autora se tornaram referência internacional. A fama não a desviou, no entanto, da preocupação em desvendar o processo de aquisição da leitura e da escrita. Como diz a autora,

Apesar dos avanços teórico-metodológicos observados na área de alfabetização, vários autores como Cagliari (1998) alertam para as chamadas propostas modernas, que estão longe de desenvolver uma proposta crítica, assim há uma necessidade de se renovar para ir além do alfabetizar na escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos a partir de nossa pesquisa que há dois pontos que precisam ser esclarecidos, o primeiro é que não existe, como já foi dito antes, uma idade “certa”, “ideal” para se iniciar a trabalhar do processo de alfabetização e letramento. O segundo é que letrar é mais que decodificar. Com tudo é preciso ressaltar que em todo e qualquer processo educativo, o trabalho de alfabetizar letrando deve ter como base a pesquisa científica. Sabe-se que não é tarefa fácil, mas, se nunca se tentar, será sempre difícil. Então por onde começar? É importante que antes de tudo ocorra uma intervenção por parte dos professores, porém para isso se faz necessário que a escola abra espaços para o crescimento de seus profissionais, oferecer-lhes cursos com profissionais capacitados, além disso é preciso que estes formem grupos de estudo/pesquisa, discutam, exponham suas dúvidas, seus limites e anseios para com o processo de alfabetizar letrando. Assim, conclui-se que é de competência da escola aprimorar o letramento da criança, desde os primeiros anos da vida escolar, levando-a, a partir de sua vivência, a construir o aprendizado através da linguagem, tornando-a capaz de usar o letramento nas mais diversas situações em sua vida social como: organização de ideias, argumentação, exposição da criatividade e a escrita como forma de expressão, tornando-a cidadã crítica, consciente e letrada. Precisamos fundamentar ainda mais os conceitos e práticas que norteiam a contextualização entre alfabetização e letramento, pois alfabetizar é um processo de aquisição da escrita e letramento refere-se à capacidade de aquisição da leitura e da escrita. Contudo, aclarar as potencialidades passíveis de utilização para dinamizar o processo de a alfabetização e o letramento no Ciclo Básico de Alfabetização, não só nessa escola, mas como também em todas as escolas da cidade de Araguaína –TO, é uma de nossas contribuições pretendidas a partir desse trabalho.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** (em grupo) **Alfabetização** - parâmetros em ação. Brasília: MEC/SEF,1999.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF,1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos – **A cartilha e a Leitura.** Série Ideias n.5. São Paulo: FDE, 1988. p.21-26.
- Ferreiro, Emília – **O Ato de Ler Evolui** - Entrevista da psicolinguista Argentina à revista Nova Escola. Edição N° 143 Junho/Julho de 2001. http://novaescola.abril.com.br/ed/143_jun01/html/fala_mestre.htm
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, Emília e col. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever- Estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas.** São Paulo: Ática, 1996.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** São Paulo: Cortez, 1986. - Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.
- LEITE, Sergio Antonio da Silva (org) – **Alfabetização e Letramento.** Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001, p 25 - 98.
- MARCUSCHI, L. A. **O tratamento da oralidade no ensino de língua.** Recife: UFPE. Mimeo, 1995.
- PERRENOUD, Phillipe. **Práticas pedagógicas, profissão docente.** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.
- SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Ática, 1986.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social,** São Paulo: Ática, 1986.
- SUASSUNA, L. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática.** Campinas: Papirus, 1995.
- TFOUNI, Leda Verdiani – **Letramento e Alfabetização.** 7. ed. – SP, Cortez, 2005. – (Coleção Questões da Nossa Época: v. 47).